



Século XIX - Um berço para a Doutrina dos Espíritos

Dilermano Massei

Ao iniciarmos este estudo, pontuamos que no século XIX todos os setores das atividades humanas passavam por uma efusão evolucionista, conjugada com sistemas de idéias voltadas para a melhoria social, e a culminância de uma era de desenvolvimento científico baseado no método científico experimental para o conhecimento. Entre os sistemas doutrinários que surgiram nesta época e contexto está o Espiritismo. Aqui se quer mostrar sob que condições, tempo e lugar nasceu uma doutrina que conjuga o pensamento de uma época de buscas de soluções para o quadro de necessidades humanas, as quais estão relacionadas com o progresso moral do homem.

O século XIX assistiu à Revolução Industrial iniciada na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, “*sob base tecnológica e teórica muito limitada*”(*). Foi a combinação de fatores tais como a expansão comercial dos mercados ingleses, a consagração da marinha mercante inglesa no mundo, aliada à experiente força naval para proteção das frotas comerciais, a invenção de mecanismos de tecelagem e da máquina a vapor entre outros.

Para o historiador E. McNall Burns, exceto na indústria química, a mudança não resultou de pesquisa científica pura, mas de empirismo – às vezes de experiências de mecânicos criativos. Isto se justifica, pois na França, a nação mais rica da Europa, o fundador da química moderna, Lavoisier (1743-1794), reconhecia a importância da análise quantitativa e fez investimentos em instrumentos de precisão. Já na Alemanha, os trabalhos de análise das matérias-primas, que começavam a ser utilizadas a serviço do capitalismo industrial nascente, conduziram a conceitos fundamentais sobre a grande profusão de compostos químicos.

Burns explica que embora a Inglaterra carecesse de um sistema nacional de

educação de qualquer nível, foi capaz de realizar a revolução que “*reformulou a vida das pessoas em todo o planeta*”. Na obra *História do Pensamento Ocidental*, Bertrand Russel (1872-1970) ao abordar o tema “males sociais e a educação como terapêutica” lembra que,

(*) BURNS, E. McNall; LERNER, Robert E.; STANDISH, Meacham. ***História da Civilização Ocidental*** Vol II – página 519

na época, a Inglaterra só tinha duas universidades, ainda assim de acesso restrito aos que professavam o anglicanismo. Essa anomalia só foi corrigida no século XIX, em sua segunda metade(*).

Com a industrialização, houve mudanças sociais e culturais, surgindo um processo de urbanização e consciência de classe.

Para McNall Burns, a revolução chegou ao continente europeu em grau considerável não antes de 1830. Houve drástica reordenação nas vidas das pessoas. O mundo estava progredindo, mas havia incertezas na preservação da prosperidade. As classes sociais desenvolviam suas ideologias para se definirem e defenderem-se dentro da nova ordem social.

Na França e na Inglaterra, países que já possuíam uma unidade política, estudiosos ajudaram a dar à nova burguesia, a classe que se distingue pela riqueza que detém e por suas relações com os meios de produção, uma ideologia adequada face às incertezas e interesses sociais que a fazia pensar que estava fazendo o que era de benefício para toda a humanidade.

Como se poderá depreender desta análise todos os setores das atividades humanas passavam por uma efusão evolucionista, conjugada com sistemas de idéias voltadas para a melhoria social, e a culminância de uma era de desenvolvimento científico baseado no método científico experimental para o conhecimento.

No campo filosófico, compartilhando o respeito pela ciência e a oposição às religiões estabelecidas, o acima citado historiador destaca a grande influência do filósofo positivista Auguste Comte (1798-1857), que “*sustentava que toda a verdade deriva da experiência ou da observação do mundo físico*”(**), rejeitando a metafísica. A expressão positivismo foi derivada da afirmação de que o único conhecimento de qualquer valor corrente era o “positivo” ou científico, baseado em fatos, não em crença. Ele assegurava à

burguesia, a classe média, o papel dominante no mundo melhor do porvir. Havia o cuidado para com os princípios cristãos, sobretudo o que sustentava terem os seres humanos uma

(*)RUSSEL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental* – página 380

(**)BURNS, E. McNall; LERNER, Robert E.; STANDISH, Meacham. *História da Civilização Ocidental* Vol II – página 545

alma a ser preservada do pecado, em favor da salvação eterna, contradizendo a doutrina calvinista dos “eleitos” predestinados e de acordo com as idéias mais gerais sobre a importância do individualismo e responsabilidade do indivíduo por seu bem-estar.

Alguns aspectos gerais podem nos ilustrar esta época:

Na Inglaterra produziram-se leis como a que aboliu o tráfico de escravos das colônias britânicas em 1833 e a série Fabril que, em 1847, culminaram na redução da jornada de trabalho de alguns ofícios para dez horas;

O pensador radical Charles Fourier (1772-1837) queria a abolição do sistema de salários e igualdade dos sexos;

O Abbé Felicite Lamennais (1782-1854) pronunciava-se contra o egoísmo pregando o respeito pela propriedade privada;

Honoré de Balzac (1799-1850) escreveu “A Comédia Humana” para desmascarar a estupidéz, a cobiça e a mesquinhez classe média que havia crescido de forma impressionante. Na obra Mimesis, o filólogo alemão Eric Auerbach cita que Balzac possuía tanta capacidade criadora e muito maior proximidade do real, podendo ser considerado juntamente com Stendhal como o criador do realismo moderno. No estudo de nº. 19 do citado livro, Auerbach em sua obra de crítica literária que trata da representação da realidade na cultura ocidental destaca a burguesia composta pelos elementos que (*)

“empreenderam a audaciosa aventura da cultura econômica, científica e técnica do século XIX, a mesma de cujos círculos surgiram também os dirigentes dos movimentos revolucionários que foram os primeiros a reconhecer as crises, os perigos e os focos de corrupção daquela cultura”.

Sobre o burguês médio daquele século comenta:

“a sua segurança física e a sua propriedade estava melhor protegidas do que em tempos passados, possuía possibilidades de ascensão incomparavelmente maiores; mas a conquista e a conservação da propriedade, o aproveitamento das possibilidades de ascensão, a acomodação às circunstâncias em rápida mudança,

tudo isto em meio à acirrada luta de concorrência, exigiam um dispêndio de energia e de nervos tão intenso e tão incessante como nunca se conhecera em tempos anteriores”.

Para Auerbach, nascera uma enérgica luta dos egoísmos, tendo o trabalho como

(*) AUERBACH, Erich. *Mimesis* – página 438

uma condição auto-reguladora do bem-estar e do progresso gerais, sem atender a necessidade de justiça, o que decidia acerca do êxito ou fracasso individual ou de camadas sociais não era somente a inteligência e a aplicação, mas os acasos da fortuna, as relações pessoais, a robusta falta de consciência.

“Embora no mundo as coisas nunca se tivessem dado segundo a justiça, não se podia negar que já não era seriamente possível interpretar a injustiça como provação divina e aceitá-la como tal. Já muito cedo surgiu um violento mal estar moral; mas o ímpeto da movimentação econômica era demasiado forte para que ela pudesse ser detida por tentativas de desaceleração puramente morais. O desejo de expansão econômica e o mal-estar moral existiam lado a lado”.

Eram necessárias reformas humanitárias. A França não tinha nada a ser comparado com os problemas gerados pelo crescimento de centros manufatureiros do norte da Inglaterra e os franceses expandiram seu sistema educacional, subscrevendo destarte ainda mais sua crença na doutrina liberal das carreiras abertas ao talento.

No início do século XIX começa uma crescente tendência à interação entre ciência e tecnologia. Conta-se que quando o primeiro ministro britânico visitou o laboratório de Michael Faraday (1791-1867) e lhe perguntou qual seria o propósito de um de seus geradores, o experimentador inglês de proeminente destaque no campo da Física e da Química lhe respondeu: “Não sei, mas aposto que algum dia seu governo vai colocar um imposto sobre ele”.(*)

Os avanços da Ciência colocaram-na como instrumento para a solução dos problemas humanos e vital para a manutenção do progresso: as pesquisas de Louis Pasteur (1822-1895) e sua teoria da geração espontânea; de Charles Darwin (1802-1882) e sua hipótese da evolução orgânica a partir da seleção natural entre a prole dos espécimes que haveriam de sobreviver e reproduzir-se. A hipótese darwiniana aplicava-se a todos os seres vivos criados no decorrer de milhões de anos e não em seis dias, como está descrito na

Bíblia. A crença num Deus benévolo era agora muito mais difícil e, para alguns filósofos, era impossível conciliar a Ciência com a crença em Deus. O historiador Ernest Renan (1823-1892) lançou dúvidas quanto à exatidão histórica da Bíblia, além de destacar as suas

(*) SIMMONS, John. *Os 100 Maiores Cientistas da História* – página 90
incoerências.

Segundo McNall Burns (*) e para resumirmos o tema ciência e religião sob a ótica Evolucionista, acaso regia o Universo que se tornara um lugar rude e implacável. As instituições responsáveis pela manutenção da fé tradicional viram-se ameaçadas. Para os protestantes, o homem devia compreender Deus sem muito mais ajuda que a dada pela Bíblia e uma consciência predisposta, sem sustentação de uma doutrina de apoio à fé. A dogmática Igreja Católica Romana obrigava-se a ajudar seus fiéis em sua reação ao mundo moderno e condenou o materialismo, o livre pensamento e a idéia de que as religiões têm o mesmo valor.

É assim que vemos: sob este impacto constante das várias frentes de descobertas científicas e idéias filosóficas que surge o Moderno Espiritualismo nos Estados Unidos da América, em 1848, com o chamado episódio de Hydesville, com os Fox, uma família metodista, e que breve propaga-se para a Europa através do chamado *movimento das mesas girantes*, preenchendo os salões sociais das cidades européias, chamando a atenção dos cientistas para as explicações à luz das teorias mecanicistas da época.

Citamos Sir William Crookes (1832-1919), cujas palavras são mencionadas na obra *O Espiritismo* do dr. Paul Gibier, página 164 (FEB – 1980):

*"O espiritualista fala de manifestações de um poder equivalente a milhares de libras(**), que se produzem sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da força e que pensa que ela jamais se produz sem o esgotamento de alguma coisa para substituí-la, pede que as ditas manifestações sejam produzidas em seu laboratório, onde ele poderá pesar, medir, submeter às suas próprias experiências."*

Este cientista inglês, pesquisador dos fenômenos espiritualistas a partir de 1869, utilizando-se dos chamados médiuns de efeitos físicos estudou a movimentação de objetos, a levitação de corpos, inclusive do médium, caso de Daniel D. Home. Outro médium submetido à pesquisa foi Florence Cook, com as materializações do Espírito Katie King.

Sobre estas pesquisas, lançou-se recentemente um interessante livro, tese de mestrado em

(*) BURNS, E. McNall; LERNER, Robert E.; STANDISH, Meacham. *História da Civilização Ocidental* Vol II – página 632

(**) *Uma libra é a unidade inglesa de peso, equivalente a 453,59237 gramas em unidades métricas.*

História da Ciência. Uma das fontes de pesquisa da autora foi a biografia do grande químico, também notabilizado no campo da Física (*). Destacamos que o seu biógrafo, E. E. Fournier d'Albe, menciona importante experimento de Crookes com o médium Daniel D. Home, ligado à medição de peso, como uma forma de manifestação do que o cientista chamava de *a nova força*, a psíquica. Na biografia, aborda-se um imprevisto detalhe na avaliação dos componentes de uma montagem específica para um teste da força associada ao fenômeno mediúnicos que Crookes pesquisava. Segundo seu biógrafo, este passo em falso fez com que os cientistas de seu tempo virassem-lhe as costas de modo intransigente.

Embora competente nos métodos e mecanismos de laboratório, W. Crookes teve seus experimentos muito criticados por outros cientistas; mas seu biógrafo pergunta-se: o que seria o mundo hoje, se a ciência oficial tivesse validado seus testes?

Antes, porém, em 1855, um educador francês, Hipollite Leon Denizard Rivail, tendo presenciado os fenômenos das mesas girantes, decidira investigar as sessões espiritualistas. Usando da experimentação, evitando teorias preconcebidas, observando os fatos, comparou-os. Dos efeitos, remontou às causas, só admitindo como válida uma explicação quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

O professor Rivail entreviu nestes fenômenos a chave do problema tão obscuro e controvertido do passado e do futuro, uma completa revolução nas idéias e nas crenças. Utilizando-se de diferentes médiuns de fenômenos inteligentes, pelo interesse no conhecimento, buscando respostas num âmbito universalista, em diferentes locais, analisando o conteúdo assim obtido, de modo rigoroso, em sessões comuns inicialmente e, mais tarde, em sessões particulares, formou a primeira edição de "O Livro dos Espíritos" em 18 de abril de 1857. Aqui se decidiu o autor pelo pseudônimo de Allan Kardec, como é hoje conhecido.

Na Introdução À "O Livro dos Espíritos", J. Herculano Pires discorre sobre o exame do problema científico do Espiritismo, tratado por Allan Kardec no capítulo VII da

Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita. Ali o mestre lionês escreveu: "A ciência propriamente dita como ciência é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo - não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito, qualquer

(*) A autora Juliana M. H. Ferreira e sua obra *Estudando o invisível – William Crookes e sua nova força* que seja, favorável ou não, nenhum peso teria". O notável tradutor reforça, no texto introdutório, o ensino kardeciano segundo "insiste no caráter científico da doutrina. Caráter próprio, pois se trata de uma ciência com seus próprios métodos, e seu objeto não é a matéria, mas o espírito".

E adita: "O Livro dos Espíritos vem abrir uma nova era no estudo dos problemas espirituais". "...como um divisor de águas". Antes, era o "espiritualismo utópico", mas agora é o "espiritualismo científico". Ao abordar a legitimidade da obra Herculano destaca que "Não se pode confundir o método doutrinário com os métodos de investigação científica dos fenômenos espíritas", e ensina que na pesquisa científica tudo está ainda para ser descoberto e provado; mas no trato mediúnico há a premissa da existência do Espírito e da possibilidade de comunicação.

Aponta ainda o comentarista que cada fase da evolução humana se encerra com uma síntese conceptual de todas as suas realizações e que esta obra básica da Doutrina Espírita é a síntese do mundo moderno, encerrando os germens do futuro.

Vivendo em uma era de incerteza quanto ao futuro, com a sociedade se estabelecendo sobre bases do orgulho, do egoísmo e longe da fraternidade, Allan Kardec centraliza-se na alma, na força viva da Natureza, para oferecer um novo sistema que dá abertura através das relações pela eternidade: a certeza de que o futuro é tudo!

O meio de transformação da humanidade inquieta está no lema: "Fora da caridade não há salvação". Com isso, as instituições sociais terão por alicerce os princípios da solidariedade e da reciprocidade. A caridade é a pedra angular de todo o edifício social, ensina o mestre lionês. Sua base é a crença e, para que tal sistema seja estável, requer virtudes morais no mais supremo grau, partindo do elemento espiritual. O Espiritismo vem pregar o desinteresse, a humildade, a abnegação; vem acelerar a reforma social contra o egoísmo, abrindo os horizontes morais da Terra, atuando sobre as idéias humanas, proclamando e provando verdades comuns a todos os cultos e bases de todas as religiões.

O conteúdo moral e filosófico, pelo aspecto prático, produz a metamorfose, dando aos praticantes a força para romper com velhas atitudes. O Espiritismo marcha com os ensinamentos evangélicos para que o espírito reine sobre a matéria. Os tempos são chegados, é o novo lema em uma época de transição, segundo a nova aliança cristã. Seus mandamentos são: Amai-vos e Instruí-vos. O progresso intelectual do homem mostra que a felicidade não é completa. Para se atingir o progresso sob bases de equilíbrio individual e coletivo, há que haver segurança das relações sociais e tal segurança só se conseguirá no progresso moral. Por força das circunstâncias, o homem encontrará no Espiritismo a mais poderosa alavanca para impulsioná-lo rumo ao progresso. Por onde passar, o Espiritismo deixará plantadas as sementes de perseverança, para que sejam desenvolvidas as raízes racionais para a vida futura e para a produção de frutos de felicidades.

O Espiritismo é o último esforço da humanidade para atingir o objetivo do progresso moral, face o seu quadro evolutivo. Ele encontrou no século XIX, as condições apropriadas para oferecer as respostas ao quadro de necessidades do homem, num mundo em permanente evolução, através do próprio homem, não apenas no campo material. Pressionado pelas instabilidades decorrentes dos novos conhecimentos materiais a oferecer progresso, e pelas mudanças sociais daí decorrentes, na busca do bem-estar e da felicidade humana, seu edifício social não tinha segurança. O Espiritismo surgiu como resultado de uma sucessão de fases evolutivas, encerrando uma era de incertezas, como uma abertura para a certeza da vida futura, fundamentada no progresso moral, sob bases cristãs. Esta Nova Revelação, Religião da Sabedoria e do Amor, nascida no século XIX, a amparar a Ciência e a Filosofia, estabeleceu o nosso reencontro com o Evangelho de Jesus, renovando-nos a indicação do Caminho, da Verdade e da Vida.

Bibliografia

- RENAN, Ernest. Vida de Jesus – Princípios do Cristianismo. São Paulo – Martin Claret – 1995
- BURNS, E. McNall; LERNER, Robert E.; STANDISH, Meacham. História da Civilização Ocidental Vol II - Nova York(?) – ano(?)
- FERREIRA, Juliana M. H. Estudando o invisível – William Crookes e sua nova força – São Paulo: 2004

D'ALBE, E. E. Fournier. The Life of Sir William Crookes. London: 1923
SOUZA, Hebe Laghi de. Darwin e Kardec um diálogo possível – Campinas: 2002
INCONTRI, Dora. Para entender Allan Kardec – São Paulo (?): 2004
KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Rio de Janeiro(?):1990
KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro(?): 2000
KARDEC, Allan. Obras Póstumas. Matão (?) Ano(?)
AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo:1971
SIMOMNS, John. Os Cem Maiores Cientistas da História. Rio de Janeiro: 2003
RUSSEL, Bertrand. História do Pensamento Ocidental - São Paulo: 1998